

Mulheres Atingidas:
Territórios Atravessados por
Megaprojetos traz conflitos socio-ambientais e os impactos específicos vividos por mulheres em contextos de atuação de megaprojetos



MULHERES
#TERRITÓRIOS
DE LUTA

O caso da Zona de Sacrificio de Huasco no Chile

Conflito	A luta das mulheres na Zona de Sacrificio de Huasco
Megaprojeto	Parque Industrial com 5 Centrais Termoelétricas e uma Usina de Pelotização de Ferro
Estado/ Província	Região do Atacama - Valle del Huasco
Precisão da Localização	Huasco

O aumento do número de conflitos socioambientais na América Latina nas últimas décadas está diretamente relacionado às mudanças nas formas de acumulação capitalista e na valorização dos preços das commodities (SVAMPA, 2012; HERREIRO, 2010), atores que vêm incentivando a ampliação de atividades extrativistas nos territórios, assim como a reprimarização

de economias latino-americanas. É importante, portanto, entender o histórico da consolidação desse modelo de desenvolvimento no Chile, baseado principalmente na indústria extrativista de recursos naturais para a exportação, a partir de empresas nacionais e transnacionais.

O regime militar chileno (1973-1990) adotou políticas de nacionalização da economia, mas alinhadas às políticas neoliberais que limitavam o papel do Estado e incentivavam o investimento estrangeiro, o que significava incentivo econômico às exportações.

Nesse sentido, um novo ordenamento jurídico foi estabelecido¹: o Decreto-Lei 600 (CHILE, 1974)² redefiniu o papel do investimento estrangeiro na economia nacional, conferindo-lhe tratamento igualitário. Posteriormente, em 1984, tal decreto foi alterado, concedendo às empresas mineiras estrangeiras, com valor igual ou superior a USD 50 milhões, a invariabilidade de taxaço fiscal, durante um período de dez anos.

Além disso, a Lei 18.097 (CHILE, 1982)³ sobre concessões ao extrativismo

¹ Ver: LORCA; HUFTY, 2017.

² Disponível em: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?id-Norma=74454>. Acesso em: 28/08/2020.

³ Disponível em: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?id-Norma=2952.2> Acesso em: 28/08/2020.

garantiu aos investidores privados o direito de propriedade dos depósitos, por meio da "concessão total". Em 1983, um novo código de mineração foi adotado e, posteriormente, na década de 1990, outras leis foram promulgadas e emendadas que proporcionaram novas vantagens fiscais para o extrativismo em grande escala.

Atualmente, o papel reprimarizante do país mostra como as dimensões da extração mineral têm se reconfigurado e significado um forte e maior impacto sobre as comunidades e ecossistemas regionais. O setor de geração de energia elétrica é central para entendermos como esse modelo funciona no país.

Segundo dados da Comissão Nacional de Energia, o setor elétrico está baseado principalmente na geração de energia hidrelétrica e térmica. Em 1997, 57% da energia era gerada por meio das usinas hidrelétricas e 43% por usinas termelétricas. Ao longo dos anos 2000, houve uma modificação significativa tanto em valores absolutos quanto em termos de distribuição na matriz elétrica, aumentando neste período significativamente a participação de termelétricas (CNE, 1998), que hoje representam 64,9% da produção de energia no país (LIMA et. al, 2017).

Vale ressaltar que a termoeletricidade é uma das fontes de geração de energia mais contaminantes (MAILLET; ALBALA, 2018). A partir da queima de combustíveis fósseis, principalmente o carvão, são produzidos gases tóxicos que alteram a qualidade do ar, do solo e da água da região em que a usina está atuando. Trata-se de uma energia gradativamente destruidora para o

meio ambiente.

Esse relatório se debruça sobre os efeitos das usinas termelétricas no Chile, precisamente sobre a Zona de Sacrificio localizada em Huasco, região que há mais de 50 anos está ocupada por indústrias extrativistas intensivas. O objetivo é destacar os impactos nesse território e entender como esse mega projeto afeta as vidas das mulheres, destacando também suas lutas e resistências.

A Zona de Sacrificio do Valle del Huasco

O Valle del Huasco ou Província de Huasco é uma região costeira do Atacama, com uma extensão de 1.601,4 km, formada pelas comunas de Freirina, Vallenar, Alto de Carmen e Huasco. As principais fontes emissoras de contaminação atmosférica em Huasco são cinco usinas termelétricas de carbono da Empresa AES Gener e uma Usina de pelotização⁴ da Compañía Minera del Pacífico (CMP). Além disso, a cidade de Huasco possui uma forte atividade portuária (Ministério do Meio Ambiente, Chile 2017). Os altos níveis de contaminação atmosférica fizeram com que Huasco fosse declarada zona de grande concentração anual de material tóxico e enquadrada como Zona de Sacrificio.

O termo Zona de Sacrificio tem sido usado politicamente por movimentos so-

⁴ A pelotização de minério de ferro é um processo em que os finos de minério de ferro são transformados em pelotas usadas na fabricação do aço, com uma tecnologia de processamento térmico.

ciais de justiça socioambiental para chamar atenção para regiões que concentram uma grande quantidade de indústrias contaminantes, que afetam diretamente a saúde das comunidades locais. São setores geográficos com alta concentração industrial, em que a prioridade é o estabelecimento de polos industriais, acima do bem-estar das pessoas e do meio ambiente (TERRAM, 2018). Já não se trata de um problema apenas ambiental, mas de uma aberta discriminação contra as pessoas que convivem com altos níveis de contaminação, muito maiores do que o resto do país. Esse é o denominador comum de zonas como Ventanas, Tocopilla, Mejillones, Coronel e Huasco, regiões chilenas que no total possuem 28 centrais termoelétricas, responsáveis por 88% das emissões contaminantes no sistema elétrico nacional.

Além de estarem na costa do país, todas elas compartilham o fato de serem zonas altamente industrializadas, saturadas de Usinas Termoelétricas de carbono e, em alguns casos, de fundições de cobre.

O termo também tem sido utilizado pela imprensa nacional durante as últimas décadas e como um instrumento de luta das pessoas que são diretamente impactadas pelos efeitos da contaminação da terra, do ar e da água.

As Usinas Termoelétricas

Para entender o início desse complexo industrial, é importante destacar a construção da Usina de pelotização de minério de ferro da Compañia Minera del Pacífico (pertencente à CAP Minería), em



1971, como um marco, que abriu caminho para a chegada devastadora de 5 centrais termoelétricas na região. Atualmente, é esse o quadro dos megaprojetos instalados em Huasco:

Empresa	País de origem	Ano de instalação	Atividade/Atuação
CAP Minería (Compañía de Aceros del Pacífico)	Chile	1971	Holding de Minas de Ferro e de Usinas de Pelotização
AES Gener	Chile	1992	Controladora de 5 Termoelétricas de carbono: - Guacolda I - Guacolda II - Guacolda III - Guacolda IV

As empresas: CAP Minería e AES Gener S.A.

O grupo CAP é o principal produtor de minerais de ferro e de pelotização da costa do Pacífico, o maior produtor siderúrgico do Chile e o principal processador de aço do país. Os 12 principais acionistas do Grupo são:

Acionista	Ações	Propriedade
Invercap S.A.	46.807.364	31,32%
M.C. Inversiones Ltda.	28.895.943	19,27%
Itau-Corpbanca	584.643	5,74%
Banchile Corretores de Bolsa S.A.	5.485.242	3,67%

Acionista	Ações	Propriedade
Banco de Chile	5.175.845	3,46%
Banco Santander Chile	3.761.324	2,52%
LarrainVial S.A.	3.526.535	2,36%
Fundação CAP	3.299.497	2,21%
Bolsa de Comércio de Santiago Bolsa de Valores	3.061.247	2,05%
South Pacific Inverstments S.A	2.860.970	1,91%
Itau-Corpbanca Corretores de Bolsa S.A	2.384.283	1,60%

Fonte: Site CAP Minería⁵, levantamento realizado em julho de 2020.

Os compromissos teóricos e missões institucionais das empresas anunciam discursos de comprometimento com o meio ambiente e as comunidades locais. Em documentos oficiais divulgados pelo mesmo site da empresa, consta que:

Desde sua criação há 70 anos, o Grupo CAP incorporou o conceito de sustentabilidade em sua visão de negócios. A companhia busca continuamente assegurar que a atividade presente e futura das empresas do Grupo se desenvolvam sem alterar as relações com seu entorno, aportando valor às zonas onde opera. Dessa forma, a estratégia de CAP é criar valor sobre a base de três chaves: zelar por uma adequada qualidade de emprego, operar o negócio em harmonia

com o meio ambiente. Historicamente, o grupo tem tido um comportamento ético e responsável. Na maioria das regiões onde estamos presentes formamos parte ativa da comunidade. Assim, nossos trabalhadores vivem nas mesmas localidades onde se encontram nossas operações (Site CAP Minería, tradução).

O mesmo exemplo de discurso é colocado também pela empresa AES Gener S.A.

AES Gener é a segunda maior empresa geradora de energia do Chile, em termos de capacidade instalada e opera também na Argentina e na Colômbia. Pertence a Inversiones Cachagua Ltda., empresa global de energia e infraestrutura que desenvolve negócios no mundo

⁵ <https://www.cmp.cl/>. Acesso em: 10/09/2020.

todo, suas oficinas centrais estão localizadas nos Estados Unidos. AES Gener é responsável pelas 5 Usinas Termoelétricas presentes em Huasco. As Usinas Termoelétricas são instalações industriais que produzem energia a partir do calor gerado pela queima de combustíveis fósseis. No caso das usinas em questão, a energia elétrica é gerada a partir da queima do carvão mineral. A missão da empresa é *“melhorar vidas acelerando um futuro energético mais seguro e sustentável”*⁶.

Entretanto, ao investigarmos, percebemos que seus discursos não se convertem em práticas efetivas. Contrariando os argumentos apresentados em seus documentos oficiais disponibilizados em seus portais virtuais, a realidade nos mostra um território exposto permanentemente a contaminação do solo, do ar e da água. A população de Huasco enfrenta há mais de 50 anos fortes níveis de exposição a metais pesados e substâncias tóxicas. Em Huasco, além das emissões de gases que afetam o sistema respiratório como o enxofre, o nitrogênio e o ozônio, a poeira preta emitida pelas empresas também contém ferro, magnésio, cádmio, vanádio e mercúrio.

A chegada das usinas enfatiza o território de Huasco como uma região em disputa com o violento capital corporativista. A violência contra as mulheres é multifacetada, e a destruição da terra e do

território é uma de suas expressões. A lógica extrativista ressalta maiores desigualdades para mulheres e para a infância, em que a natureza e os corpos das mulheres são considerados territórios que devem ser sacrificados para a reprodução do capital.

Os impactos na saúde e vida das mulheres de Huasco

O Departamento de Saúde Pública e Medicina da Universidade Católica do Chile e a organização Chile Sustentável (Chile Sustentable) realizou um estudo⁷, publicado em 2020, que identificou que as comunidades que formam Zonas de Sacrifício têm maior chance de adoecer. Precisamente, as habitantes de Huasco apresentam um risco 139% maior de adoecer por doenças respiratórias do que o resto do país. O informe inclui, também, o risco de adquirir doenças crônicas nas vias respiratórias, que é três vezes mais alto na região, e os seus habitantes apresentam maior risco de morrer por doenças cardiovasculares, 71% mais do que os do resto do país. A análise contempla também as doenças cerebrovasculares: o risco de morrer por doenças assim chamadas é 3,8% maior que a média nacional. Além disso, o risco de adquirir asma é quase 5 vezes (4,97) maior se comparada a taxa do Chile como um todo. Mesmo assim, as empresas descartam a responsabilidade pelos danos à saúde gerado pelas centrais termoelétricas.

⁶ Informação coletada no site da empresa: <https://www.aesgener.cl/>. Acesso em: 10/09/2020.

⁷ Disponível em: https://www.chvnoticias.cl/reportajes/huasco-ninos-presentan-problemas-aprendizaje-mercuro-mujeres_20200120/. Acesso em: 12/09/2020.

Em reportagem feita pela CHV Notícias⁸, Sandra Cortés, pesquisadora dessa Universidade, ressalta que são comunidades com pessoas idosas, crianças, mulheres grávidas, que se expuseram e continuam se expondo de maneira crônica ao longo de muitos anos. Participaram do estudo 34 mulheres de Huasco e 53% delas apresentaram uma concentração muito elevada de mercúrio em seus corpos, substância que pode provocar danos cerebrais, perda do coeficiente intelectual e outras doenças graves.

Essas substâncias podem afetar recém nascidos e bebês quando ainda estão no útero de mulheres grávidas, que podem ter absorvido grandes concentrações e passam a transmiti-las pelo sangue ou pelo leite. O cádmio e o mercúrio, por exemplo, podem provocar alterações no sistema hormonal feminino, causar câncer de mama, alterar o ciclo menstrual, causar abortos espontâneos e infertilidade – situações que constituem uma série de violência a mulheres, que carregam na memória as violações e dores em seus territórios e corpos.

Por isso, muitas famílias foram obrigadas a sair da cidade, como também destaca a reportagem da CHV Notícias, evidenciando os deslocamentos forçados como uma das consequências para as populações da região. Nesse processo, o cotidiano das mulheres é diferenciadamente afetado, por serem elas aquelas que historicamente são encarregadas de cuidar e

prover as atividades domésticas, além de assegurar a saúde familiar. Além disso, a exposição das mulheres à poeira de metais pesados é um aspecto que afeta a sua saúde reprodutiva, aumentando o número de abortos, nascimentos prematuros e mal formações de seus filhos. A contaminação da água e do ar afeta, ainda, o sistema imunológico das mulheres grávidas e por isso seus filhos podem nascer com grandes sequelas em seus organismos.

Isso implica dizer que os efeitos das centrais termoelétricas se manifestam diretamente na saúde sexual e reprodutiva dos corpos físicos das mulheres. Contaminando a água, a terra e o ar, também destroem os espaços de habitação – são violações dos corpos, mentes e territórios.

Os impactos causados pela contaminação são profundos e chegam a refletir na quantidade de escolas de educação especial em Huasco. Do total de escolas, 30% estão dentro dessa categoria, o que mostra que muitas crianças possuem problemas de aprendizagem. A demanda é



⁸ Disponível em: https://www.chvnoticias.cl/reportajes/huasco-zona-de-sacrificio_20200120/. Acesso em: 12/09/2020.

tão alta que os estabelecimentos escolares tiveram que implementar programas de integração para crianças com deficiência que não conseguiram vaga nas escolas destinadas somente a elas. Segundo documento elaborado pelo Coletivo SOS Huasco (2017), no total de 1768 crianças matriculadas, 541 correspondiam aos inscritos em escolas de educação especial ou nos programas de integração; 36% no total. A moradora de Huasco Doris Zamorano, em relatório sobre o cotidiano da vida em Zonas de Sacrificio, mostra os profundos impactos na saúde da população:

As nossas crianças hoje nascem menos saudáveis. Na verdade, em Huasco houve um protesto que mostrou que há 20 crianças autistas em Huasco, uma população super pequena, e 20 filhos é muito. Nessa ocasião, as pessoas reclamaram porque com a interdição na estrada colocada pelo maquinário das empresas as crianças não podiam ir realizar tratamento em outras cidades (CHILE SUSTENTABLE, 2020, p. 20, tradução).

É necessário afirmar, também, que as empresas são responsáveis pela poeira preta que chega cotidianamente nas casas e plantações da cidade. A maior parte da atividade agrícola de Huasco era dedicada ao cultivo de azeitonas, como aponta o mesmo relatório. Com a grande quantidade de poeira gerada a partir das chaminés das empresas, o cultivo local passou a enfrentar os impactos diretos da contaminação do solo e do ar, como mostra a experiência de Gregório Gonzalez:

Primeiro foi a usina pelotizadora, depois a usina Guacolda. Os estudos

da Universidade Católica e nosso cotidiano falam dos efeitos do SO₂: a chuva ácida da névoa preta, mostram tudo que todos nós sabemos e o governo permite, mesmo sabendo que nos faz mal. O Estado é permissivo. (CHILE SUSTENTABLE, 2020, p. 22, tradução).

Em 2014, a CHV Notícias realizou uma coleta de poeira em uma plantação de azeitonas para realizar um exercício, em que se aproximava a planta de um imã, gerando uma adesão imediata entre os elementos⁹. A CHV Notícias voltou em Huasco no início de 2020 e fez novamente esse exercício e, apesar de menos poeira aparente, a folha foi atraída ao imã de igual maneira, demonstrando a continuidade da contaminação do solo em Huasco.

Outro impacto devastador está relacionado ao descarte dos rejeitos das empresas, que são depositados no mar, há mais de 40 anos. Segundo o Movimento Oceana, a CAP Minería é a única empresa do Chile que joga seus rejeitos no oceano¹⁰.

Todos esses graves impactos afetam a todos de Huasco, mas as mulheres enfrentam impactos diferenciados. Como mães e provedoras financeiras, as mulheres são historicamente colocadas como principais responsáveis pelo cuidado e pela água, já que são as que cuidam do consumo pessoal e da casa. Por isso, a mobilização, re-

⁹ Disponível em: https://www.chvnoticias.cl/reportajes/huasco-zona-de-sacrificio_20200120/. Acesso em: 12/09/2020.

¹⁰ Disponível em: <https://chile.oceana.org/prensa/comunicados-de-prensa/oceana-estrena-nuevo-cortometraje-documental-huasco-el-sacrificio-de>. Acesso em: 12/09/2020.

sistência e luta das mulheres é permanente. Elas estão em primeira linha na luta pela terra e pela defesa dos recursos naturais, e são protagonistas de inúmeras mobilizações na região. Seu papel é fundamental na liderança nos protestos, mas também nas tentativas de proteção e garantia de uma cidade descontaminada.

A luta das mulheres na Zona de Sacrifício de Huasco

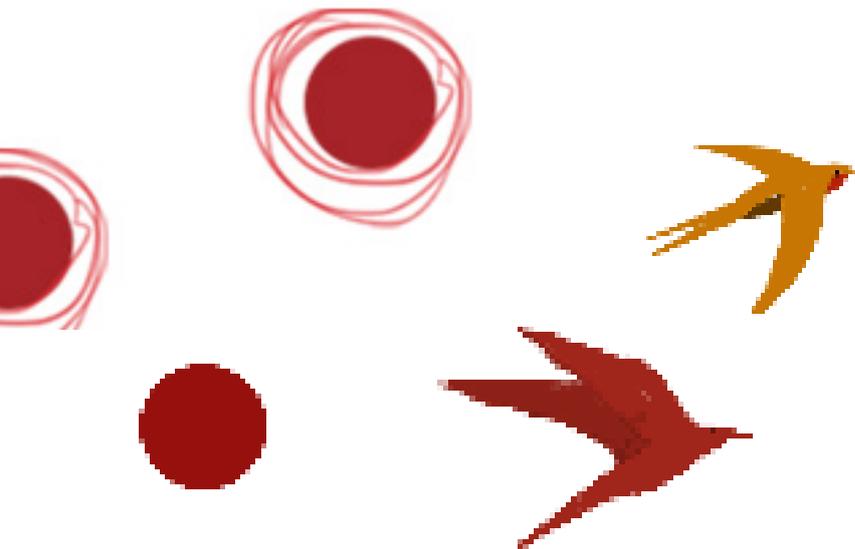
Na publicação “Mujeres en Defensa de Territorios – Reflexiones Feministas Frente al Extractivismo” (2018), Carolina Sepúlveda, ativista e fundadora do Grupo *Mujeres de Zona de Sacrificio em Resistencia*, ressalta que as mulheres que vivem nessas Zonas são drasticamente invisibilizadas, e enfatiza a alienação que o neoliberalismo extrativista impõe, sendo a terra e as mulheres objetos de abusos. Nesse sentido, Carolina mostra a urgência que essa expressão de violência seja também motivo de luta a nível nacional e elenca outras dificuldades:

1. Política: as mudanças foram impedidas a partir da limitação da participação cidadã, com metas políticas vinculadas aos interesses individuais, distantes do Bem Comum;

2. Institucionalidade jurídica: adiamento do restabelecimento do Padrão de Qualidade do Ar para Arsênico (desde 1994), omissão de melhorias no Padrão MP 10 de 1998, omissão de revisão do Padrão de Qualidade Primário para MP 2.5, Padrão Primário para SO₂, NO_X, CO, O₃ e Chumbo, Padrão de Emissão para Usinas Termelétricas que devem refletir o padrão internacional (UE, EUA e China), criação de padrões para compostos orgânicos voláteis, ratificação da Convenção de Minamata. Por outro lado, as redes de monitoramento não podem ser privadas ou supervisionadas por empresas poluidoras e o plano de descontaminação atmosférica deve cumprir a lei, impedindo o crescimento do parque industrial, apresentando inventários confiáveis que limitam a compensação de emissões entre as empresas poluidoras. Por outro lado, é urgente que os 500 hectares para uso industrial sejam utilizados como pulmões verdes. A ausência de seriedade, respeito e rigor do Ministério da Saúde através de seus protocolos de emergência para nuvens tóxicas é alarmante, em que as atitudes patriarcais de mulheres em posições de poder invalidam os argumentos daquelas que vivem nesta zona;

3. Desigualdade Socioeconômica;

4. Violência social exercida por instituições públicas e privadas que são a base do dano psicossocial que resulta em cooptação, dominação, submissão, dependência, resignação e silêncio; bem como o dano ao tecido social, expresso na desesperança aprendida, naturalização dos abusos (como a violência simbólica que se apropria da consciência das pessoas, seus afetos, esperanças e entendimentos,



exercendo um domínio sutil que dói profundamente o que é “viver em um ambiente livre de contaminação” (SE-PÚLVEDA, 2018, p. 45, tradução).

As lutas das mulheres que vivem em Zonas de Sacrifício como Huasco convergem para que as atividades das centrais termoelétricas acabem, para que seja possível viver em um ambiente livre de contaminação. Em comunicado¹¹, a Brigada SOS Huasco ressalta:

A população está há mais de 40 anos exposta a metais pesados e gases químicos tóxicos e até agora o único que temos recebido são mentiras, câncer e morte. Fazemos também um chamado público a Controladoria para fazer uma revisão de todos os Planos de Prevenção e Descontaminação das Zonas de Sacrifício. Nos solidarizamos com os vizinhos e vizinhas de Quintero e Puchuncaví. Mais uma vez nós, os excluídos, seguimos sendo enganados e abandonados pelo Estado para favorecer as empresas, mas não estamos dispostos a dar um passo atrás, não permitiremos mais projetos contaminantes em nosso Valle, porque a saúde, a vida e a dignidade não têm preço (BRIGADA SOS HUASCO, 2018, tradução).

A luta das mulheres afetadas mostra que suas principais demandas são pela auto defesa, soberania e autonomia de seus corpos e territórios, e que a economia deve sustentar a vida, não a destruir.

A coletiva feminista *Resueltas del Valle* faz parte do movimento de mulheres da região do Valle del Huasco e a

¹¹ Disponível em: <https://www.terram.cl/2018/11/huasco-denuncia-faltas-en-plan-de-descontaminacion-similares-a-las-del-plan-de-quintero-puchuncavi/> Acesso em: 14/09/2020.

pauta socioambiental está em suas lutas cotidianas. Levantando a necessidade de autodefesa feminista, o grupo pauta suas demandas a partir de seus corpos e territórios.

Em diversos vídeos e comunicados compartilhados em suas redes sociais, as mulheres mostram a violência sistemática que o extrativismo perpetua no território e em seus corpos. Denunciam, portanto, as tentativas de desarticulação das organizações socioambientais, violência que protege e mantém o sistema neoliberal, em que a exploração do território destrói a saúde, a dignidade e a natureza.

Em pronunciamento, as mulheres do coletivo ressaltaram:

A violência estrutural serve como mecanismo que alimenta o patriarcado e sua estrutura machista que vivenciamos diariamente no território de Huasco. Destacamos e promovemos a participação ativa de muitas mulheres que enfrentam diariamente essas violências vivenciadas no território. Mulheres que se reúnem para denunciar, exigir e tornar visíveis as injustiças ambientais em nosso fértil e belo Valle. Como um coletivo, continuaremos pressionando o chamado para co-criar alternativas e modos de vida consistentes e em constante harmonia com o lugar habitado. Porque entendemos que a mineração em grande escala não é compatível com a vida! Pela autodefesa do corpo e do território (Página do Facebook “Resueltas del Valle”, postagem de Julho de 2020, tradução).

As fotos a seguir são de encontros e oficinas do grupo, entendendo a importância de suas ações desde seus corpos e territórios:



Abaixo estão listados outros movimentos em defesa de Huasco e de outras Zonas de Sacrificio. Em vermelho, os movimentos especificamente de mulheres:

Movimento	Atuação	Links
Brigada S.O.S Huasco	Atua em defesa das condições de saúde no Valle del Huasco.	https://www.facebook.com/brigadasoshuasco/?ref=page_internal
ChaoCarbon	Aliança composta pelas organizações territoriais das comunas de Tocopilla, Mejillones, Huasco, QuinteroPuchuncaví e Coronel (Zonas de Sacrificio) com organizações não governamentais para fortalecer as estratégias de trabalho e esforços para fechar as centrais termoelétricas.	http://www.chaocarbon.cl/
Chile Sustentable	Participa na discussão e tramitação de reformas dentro das instituições em assuntos de energia, água, biodiversidades, recursos genéticos e direitos socioambientais.	http://www.chilesustentable.net/
Energía Ciudadana	Promover debates e ações democráticas sobre a matriz energética chilena	https://www.facebook.com/energiaciudadanachile/?ref=page_internal
Mujeres en Zona de Sacrificio em Resistencia (MUZOSARE)	Aliança de mulheres de Tocopilla, Mejillones, Huasco, Quintero Puchuncaví e Coronel (Zonas de Sacrificio).	
Movimento por el Agua y los Territorios (MAT)	Rede que luta pela água como bem comum no país	https://www.facebook.com/AguaEnMarcha/

Movimento	Atuação	Links
TERRAM	Criar uma proposta de modelo de desenvolvimento baseada na democracia, transparência e justiça ambiental	https://www.terram.cl/
Revueltas del Valle	Coletivo feminista do Valle del Huasco: "Pela autodefesa do corpo e do território".	https://www.facebook.com/resueltasdelvalle
Rio Huasco Vivo/Movimiento Rio Huasco	Atua em defesa dos rios da região.	https://www.facebook.com/rio.vivo.5492

Em toda a América Latina, as atividades de mineração têm sido consideradas como essenciais, mesmo durante a pandemia de Covid-19. Em muitos lugares, a mineração não parou em nenhum momento. É por isso que em diversos territórios, movimentos clamam *"Sí a la vida, no a minería"*¹², e rechaçam como a atividade extrativista tem se colocado continuamente na frente da vida.

Katta Alonzo, do grupo Mulheres em Zona de Sacrificio, em entrevista à Radio JGM, em maio de 2020¹³, ressalta a necessidade de fechar as termoelétricas durante a pandemia de Covid-19. A ativista critica que os parques industriais não tenham paralisado suas atividades durante a crise sanitária, em que a contaminação do ar agudiza as condições de doenças respiratórias, presentes em grande parte da população. O grito de Katta se une ao dos coletivos feministas, que pedem o fechamento imediato das centrais termoelétricas em todas as regiões de sacrificio, para que a dignidade e o direito de viver em um ambiente livre de contaminação sejam respeitados.

¹² Disponível em: https://www.chvnoticias.cl/reportajes/huasco-zona-de-sacrificio_20200120/. Acesso em: 12/09/2020.

¹³ Disponível em: <https://radiojgm.uchile.cl/katta-alonzo-sobre-pandemia-en-quintero-puchuncavi-si-alguien-se-contagia-es-muy-dificil-que-sobreviva/>. Acesso em: 04 dez. 2020.

Veja mais em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ijONCbOQPWw>

OCEANA, Chile. Zonas de Sacrificio: <https://chile.oceana.org/zonas-de-sacrificio-0>

OCMAL - Mapa de Conflictos Mineros: https://mapa.conflictosmineros.net/ocmal_db-v2/conflicto/view/988

Observatorio Latinoamericano de Conflictos Ambientales (OLCA): <http://www.olca.cl/oca/index.htm>

OLCA. Comunidades demandan que Justicia Chilena haga prevalecer decisión de cerrar Pascua Lama: <http://olca.cl/articulo/nota.php?id=107995>

OLCA. Organizações voltam a denunciar a fraude ambiental do chamado Plano de Prevenção da comuna de Huasco: <http://olca.cl/articulo/nota.php?id=107506>

TERRAM: <https://www.terram.cl/tag/huasco/>

Referências Bibliográficas

CAP MINING https://www.cap.cl/cap/site/artic/20160527/asocfile/20160527115201/cap_presentacion_moneda_11_2015_eng.pdf

CHILE SUSTENTABLE. Vivir em unazonas de sacrificio: experiencias e historias ciudadanas de la contaminación em Chile. Chile, 2020. Disponível em: <http://www.chilesustentable.net/wp-content/uploads/2020/05/Vivir-en-Zonas-de-Sacrificio.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2020.

LIMA, Gabriel Constantino de; TOLEDO, André Luiz Lopes; COSTA, José Adriano da; PINHEIRO, Hélio Henrique Cunha. Uma análise do setor elétrico chileno e das reformas no setor, comparando com a reforma do setor elétrico brasileiro. In: XVII Congresso Brasileiro de Energia, 2017, Rio de Janeiro. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Energia, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328389426_UMA_ANALISE_DO_SETOR_ELETRICO_CHILENO_E_DAS_REFORMAS_NO_SETOR_COMPARANDO_COM_A_REFORMA_DO_SETOR_ELETRICO_BRASILEIRO_In_XVII_Congresso_Brasileiro_de_Energia_2017_RIO_DE_JANEIRO_ANAIS_DO_XVII_Congresso. Acesso em: 03 dezembro 2020

LORCA, Mauricio; HUFTY, Marc. El Patrimonio como forma de resistencia a la gran minería. Intersecciones en Antropología 18: 31-42, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318337865_El_patrimonio_como_formavde_resistencia_a_la_gran_mineria_El_caso_del_Huasco_Alto_Chile. Acesso em: 03 dez. 2020.

MAILLET, Antoine; ALBALA, Adrián. Conflictos Socioambientales en los proyectos eléctricos en Chile (2005-2016): un análisis configuracional. América Latina Hoy, 79, 2018, pp. 125-149. Disponível em: <https://revistas.usal.es/index.php/1130-2887/article/view/alh201879125149/19224>. Acesso em: 03 dez. 2020.

SEPÚLVEDA, Carolina. Zonas de Sacrificio: una nueva expresión de violencia. In: JARA, Angela Erpel (org.). Mujeres en Defensa de Territorios: Reflexiones Feministas Frente al Extractivismo. Fundación Heinrich Böll, Oficina Regional Cono Sur. Santiago 2018. Disponível em: https://cl.boell.org/sites/default/files/mujeres_defensa_territorios_web.pdf?fbclid=IwAR33XUWATTtagdaT58MZscdSKC8CnSM8ORbidcOoqDPkucEMNWZiGp9WTeCk. Acesso em: 03 dez. 2020.